

Caxias e a Balaçada

José Sarney

.....



No século XVIII, a Vila de São José das Aldeias Altas se tornou a confluência entre as populações que subiam o Rio Itapecuru e as que, vindas do sertão, atravessavam ou desciam o Parnaíba – populações pobres, em busca de oportunidade na região fértil e generosa.

No momento da Independência, em torno da mesma pequena cidade, renomeada de Caxias, formou-se um pólo de resistência portuguesa, rapidamente vencido. Mas se mantiveram dois tipos de rebeldia: a dos pobres proprietários que haviam lutado com a Coroa e com os Jesuítas e tentavam fixar uns poucos privilégios, e a dos paupérrimos, despossuídos de tudo, vaqueiros, meeiros, pequenos lavradores, escravos fugidos, cuja luta era pela sobrevivência pura e simples.

No final de 1838, um episódio policial explodiu em conflitos que se propagaram por toda a região. A oposição, os bem-te-vis, cooptou os bandos armados, enquanto os cabanos uniram-se ao governo. Os governadores Vicente Tomaz Pires Camargo e Manoel Felizardo de Souza Melo, entre declarações de que tudo ia bem, deixaram o Maranhão desgovernado. Era preciso remediar a situação, e a solução fácil foi a da nomeação do jovem mas seguro Coronel Luiz Alves de Lima e Silva.

Em dezembro de 1839, com 36 anos, o Coronel Lima e Silva acompanhava o Ministro da Guerra,

Sebastião do Rego Barros, ao Rio Grande do Sul, em visita às forças imperiais que enfrentavam os farrapos. Há nove anos era comandante do Corpo de Municipais Permanentes da Corte. Filho do Regente Francisco de Lima e Silva, não chegara ao posto por proteção ou nepotismo: já era um dos mais brilhantes oficiais do Exército Brasileiro. Tenente aos 18 anos, em 1822 fora incorporado ao novo Batalhão do Imperador. Estreara na Bahia. Tornara-se, pela primeira vez, herói. Ganhara o Hábito do Cruzeiro. Recebera a promoção a capitão, o mais jovem dos capitães. Lutara na Cisplatina. Novamente herói, conquistara a promoção a major e a Ordem da Rosa. Fora decisivo na repressão das revoltas da Ilha das Cobras, da Abrilada, dos Caramurus.

O poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães, levado por Lima e Silva na missão ao Maranhão, contou a história: “Aos 13 dias de dezembro de 1838, na Vila de Manga, situada na margem esquerda do Iguará, comarca de Itapecurú, apresentou-se um certo Raimundo Gomes, homem de cor assaz escura, acompanhado de nove de sua raça; arrombaram a cadeia da vila e soltaram os presos criminosos.”

As histórias de injustiça e brutalidade marcam as lideranças do movimento. O nome de Balaçada veio de um líder menor e cruel, Manuel Francisco Ferreira dos Anjos, o Balaio, fazedor de balaio, que tivera a filha deflorada por soldados. O nome

maior é do extraordinário Negro Cosme, Dom Bento Pedro das Chagas, Tutor e Imperador das Liberdades Bem-te-vis, escravo fugido, organizador de quilombo – no da Lagoa Amarela, no Brejo, viviam três mil negros –, pioneiro da idéia de que a educação é o instrumento da liberdade.

Os grupos formavam-se e reformavam-se no correr das perseguições e dos desafios. Uma espécie de hino libertário tomou o estado:

O Balaio chegou!

O Balaio chegou!

Cadê branco?

Não tem mais branco.

Não tem mais senhor!

A Carta Imperial que nomeia Lima e Silva Presidente e Comandante de Armas para o Maranhão “com poderes para entrar no Piauí e Ceará, ficando sob suas ordens todas as forças que nessas províncias operam” é de 12 de dezembro de 1839. Em 4 de fevereiro de 1840, o Coronel chega a São Luís. Em 5, a tropa desfila pela cidade. Imediatamente, por ser quem era, congrega as simpatias das diversas correntes políticas, de bem-te-vis e cabanos, de toda a sociedade.

No dia 7, lança um manifesto:

“Um bando de facciosos, ávidos de pilhagem, pode encher de consternação, de luto e sangue, vossas cidades e vilas! O terror que necessariamente deviam infundir-vos esses bandidos concorreu para que se engrossassem suas hordas; contudo, graças à providência e às vitórias até hoje alcançadas pelos nossos bravos, seu número começa a diminuir diante das nossas armas. (...) Maranhenses! Mais militar que político, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que por desgraça entre vós existam (...)”

Colocava-se acima das vontades e disputas locais, como um tutor a controlar um adolescente menor de idade. Assim agirá também nas operações militares.

A situação que encontra é desalentadora: “Os cofres esgotados, uma dívida avultada, e invencível repugnância dos fornecedores em dar os seus gê-

neros a crédito, pela demora dos pagamentos e ainda mais pela lei dos exercícios. Computavam-se as nossas forças, por não haver mapa algum, em quatro mil homens mal armados, pessimamente vestidos, alguns quase nus, faltos de seis e nove meses de soldos; a fome ameaçava as tropas e a capital; interceptadas as comunicações com o interior; as comarcas de Brejo, Caxias e Pastos Bons e parte do Itapecuru, cobertas de manadas de rebeldes e negros aquilombados; a todos esses males procurei dar pronto remédio (...)”

As coisas vão entrando nos eixos pela simples autoridade. Mas o problema da falta de recursos é alarmante e precisa de apoio da Corte. Escreve: “A guerra nesta província é toda de emboscadas e de explorações, e que estas se fazem no meio das matas, onde se fortificam os rebeldes. Durante os seis meses de inverno, que não serviu de obstáculo à marcha das operações, estragava-se o fardamento com extraordinária facilidade e muitos soldados não compareciam na forma pela nudez em que estavam: constantemente via-me forçado a fazer algumas remessas, que não chegavam a todos. De oitocentos fardamentos que na Corte verbalmente requisitei, só recebi quatrocentos para vestir seis mil homens, de que se compõe a força do meu comando! Não tive outro recurso senão comprar algum, bem como armamento, por ter recebido somente oitocentos; no que gastei não pequena quantia. Cento e oitenta contos de réis, que daí trouxe, mal chegaram para pagamento de dois meses de soldo atrasados, e hoje não posso continuar a pagar a tropa por falta de dinheiro, o que já deu motivo à revolta de Itapecuru-Mirim; nem me é possível manter rigorosa disciplina, quando os soldados mal cobertos estão há cinco e seis meses sem receber coisa alguma, expostos às chuvas e ao sol no meio das matas, atravessando rios e charcos (...)” E pede, exige: “É necessário que V. Exa. me atenda e me preste algum auxílio.”

É forçado ao corte dos cargos gratificados e gratificações. Governa e comanda na estrita vigilân-

cia de despesas e receitas. Vai ganhando, passo a passo, as batalhas.

O seu segundo, Coronel Sérgio, chegara a Caxias em 27 de fevereiro e encontrara a cidade – tomada pelos rebeldes depois de um cerco de 46 dias, recuperada, retomada, outra vez recuperada – abandonada e arrasada. A partir daí, Lima e Silva ordena uma guerra tática, feita de deslocamentos de tropas que forcem os balaios a se dirigirem para Brejo. Concentra-os aí para derrotá-los em bloco. A queda de Brejo, em abril, marca o começo do fim. Os balaios em fuga se dispersam pelo Piauí. As tropas imperiais os seguem e atacam.

Lima e Silva faz a guerra com os recursos locais. A luta é de gente acostumada com a mata, mal vestida e mal alimentada, cansada de guerra: de um lado, os homens sob seu comando direto, que elevara a oito mil, somados a eles, o uso das dissensões e a pura e simples compra de alianças, o suborno (que utilizará também no Paraguai) de grupos de soldados com a simples promessa da sobrevivência, de não serem passados em armas; do outro lado, “temos onze mil bandidos”. E ele, que julgara mal, “a ponto de acreditar que só existiam três a quatro mil”, completa: “Este cálculo é para menos e não para mais: toda esta província o sabe.”

A luta é porém rápida. Em meados do ano, Raimundo Gomes, que voltara ao Maranhão, é derrotado e foge para quilombo da Lagoa Amarela. Cosme, desconfiado e ardiloso, coloca-o para fazer pólvora, com “golilha” no pescoço e acompanhado de vigias. Em agosto, um grupo de rebeldes, em troca de perdão, ataca Cosme. Acontece a inevitável e completa derrota dos escravos. A partir daí, é a lenta desagregação.

É a hora da política de anistias, da pacificação, da ordem. Desde novembro, da Cidade de Caxias, mandara distribuir fartamente as cópias dos decretos de anistia entre o povo e as autoridades. Janeiro marca o fim da Balaiada. Luiz Alves de Lima e Silva é eleito deputado-geral e por unanimidade; apresentado pelos dois partidos, recusara ambos, e fora eleito acima do bem e do mal. Em Miritiba,

entrega-se Raimundo Gomes. Em Calabouço, no Mearim, rende-se o negro Cosme.

A missão está cumprida. É hora de voltar à Corte. Lá, em 23 de julho, o Príncipe, que fora seu aluno de esgrima, tornara-se maior de idade. Logo em agosto o fizera veador. Há um mundo em movimento na Corte, e o comandante militar dá lugar ao político.

Só em 13 de maio passa o cargo a seu substituto, João Antônio de Miranda, e lhe entrega um relatório:

“Não existe hoje um só grupo de rebeldes armados, todos os chefes foram mortos, presos ou enviados para fora da província; restabeleceu-se a ordem, mas não me ufano de haver mudado os corações e sufocado antigos ódios de partidos, ou antes de famílias que por algum tempo se acalmam e como a peste se desenvolvem por motivos que não prevenimos, ou não nos é dado dissipar.”

Governara: explicava as obras que havia empreendido, todas necessárias. Cheficara: “Posto seja a guerra uma calamidade pública, e ainda mais a guerra civil, também é às vezes um meio de civilização para o futuro, e a par de seus males presentes alguns germes de benefícios deixa. Pela rapidez dos movimentos e contínuas marchas comunicam-se os homens, estreitam-se as relações e os ânimos inertes se revigoram.”

Chega de volta ao Rio de Janeiro a 29 de junho de 1841. Em 18 de julho, no 3º dia da Festa de Coroação de Pedro II, saem dois decretos que marcam a satisfação do Imperador – e do novo governo, como ele, conservador – com a Campanha do Maranhão: o primeiro, de promoção a brigadeiro; o segundo, de outorga do título de barão.

O nome, escolhido pelo próprio Coronel Lima e Silva para fixar na história o momento que marca sua passagem à liderança da maturidade, é o de um pedaço de chão da Província do Maranhão, é o da Cidade de Caxias, assim incorporada à glória da pacificação e à predestinação de seu futuro.

José Sarney – Presidente do Senado, nascido na cidade de Pinheiro, no Maranhão. Membro da Academia Brasileira de Letras. Presidente da República no período de 1985 a 1990.